Esclarecimento Metodológico:
Este relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Além disso, os valores monetários são continuamente deflacionados, o que implica em mudanças de alguns resultados – por meio deste processo é que se obtém o **PIB a valores reais,** atualizado para o período mais recente.

PIB DO AGRONEGÓCIO MINEIRO ENCERRA 2011 COM CRESCIMENTO MODESTO

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D
Arlei Luiz Fachinello, Dr.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Fernanda Ultremare Bel.
Equipe Cepea

1. Apresentação

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), decresceu 0,65% em dezembro, reduzindo para 1,71% a expansão da renda anual. É importante destacar que essa expansão se deve basicamente ao setor da agricultura, que avançou 7,99%, enquanto o pecuário recuou 6,35%. Em 2010, o resultado da agricultura (+23,86%) também havia sido expressivamente superior ao da pecuária (+11,11%)

Em dezembro, houve retração tanto no agronegócio da agricultura quanto no da pecuária, sendo que este último já vinha apresentando taxas negativas desde março. Na cadeia da agricultura, o maior recuo ocorreu no segmento da agroindústria, seguido por distribuição e insumos. Apenas o segmento primário se manteve positivo, mas com taxa menor que a de novembro. No segmento de insumos, os preços continuaram em alta para fertilizantes e corretivos de solo, pressionando a renda do segmento primário e, portanto, dos produtores. Na cadeia da pecuária, somente o segmento de insumos se manteve em expansão, com ritmo pouco maior que no mês anterior. Os segmentos básico e de distribuição apresentaram os maiores recuos.

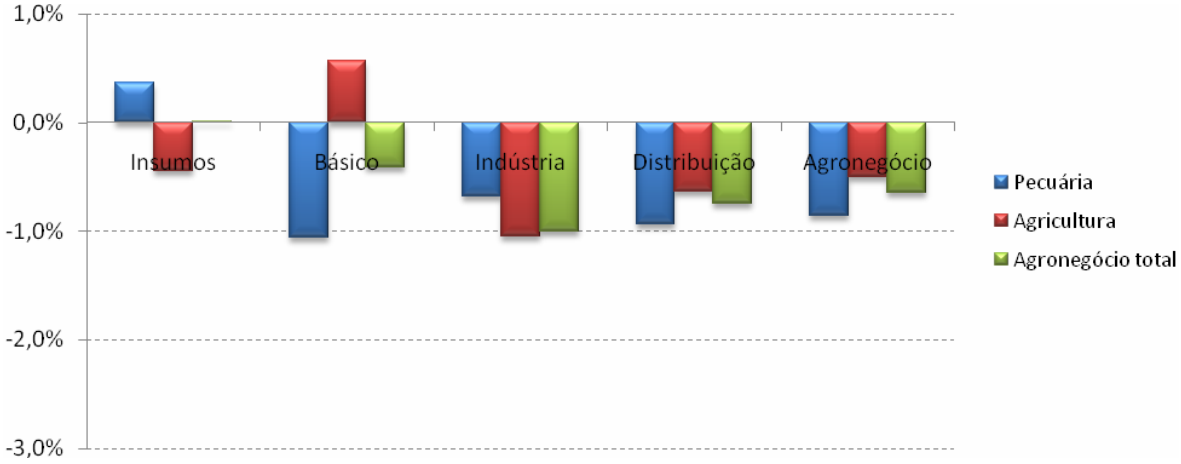

Figura 1 - Taxas de crescimento em dezembro de 2011 (%).
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

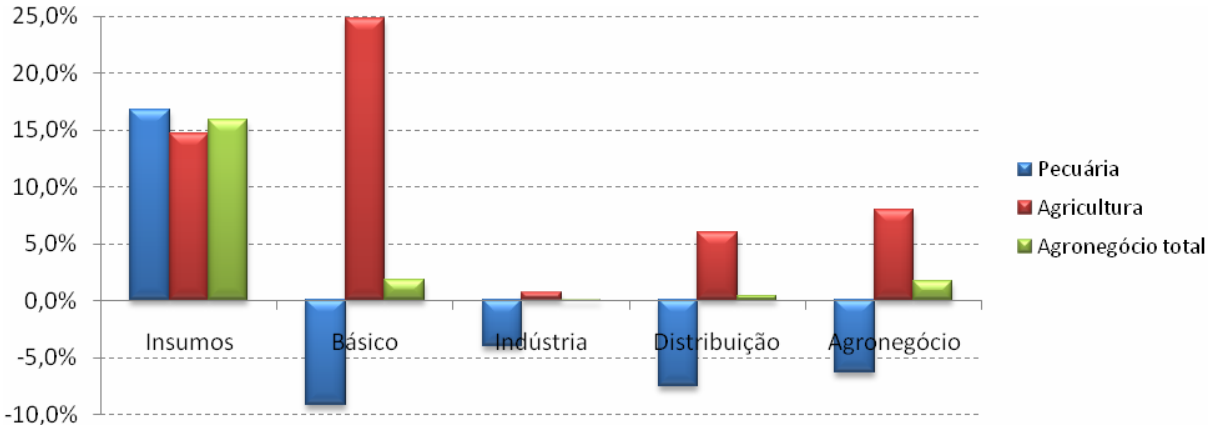

Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a dezembro de 2011 (%).
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

2. Resultados e discussão

2.1 Estimativas de valor do PIB do Agronegócio de MG

O agronegócio mineiro apresentou crescimento de 1,71% de janeiro a dezembro de 2011, o que elevou a renda estimada para R$ 118,08 bilhões em 2011 (a preços de 2011). Desse valor, R$ 70,5 bilhões ou 59,7% provieram do agronegócio da agricultura e R$ 47,6 bilhões ou 40,3% do agronegócio da pecuária (Tabela 3).

2.2. Evolução dos segmentos que formam o PIB

O agronegócio da *agricultura* apresentou declínio de 0,51% em dezembro, o que levou a uma expansão da renda de 7,99% deste setor em 2011, valor muito inferior ao acumulado em 2010, que foi de 23,86%. A despeito da retração de 0,44% no último mês de 2011, o segmento de insumos acumulou avanço de 14,65% na renda. Nas atividades "dentro da porteira", o ritmo continuou a diminuir, com taxa de +0,57% em dezembro, contra +1,26% em novembro; no acumulado do ano, a alta chegou a 24,74%. A agroindústria apresentou retração de 1,05% em dezembro, terminando 2011 com crescimento anual modesto de 0,69%. O segmento de distribuição manteve desempenho negativo no mês (-0,63%), mas também acumulou resultado positivo no ano (5,98%).

O resultado alcançado pelo agronegócio agrícola demonstra a importância dos segmentos Industrial e da Distribuição na formação do PIB do setor. Mesmo com os segmentos de Insumos e Primário tendo registrado avanços consideráveis (14,65% e 24,74%, respectivamente), o balanço desse setor, como se viu, limitou-se a 7,99%, já que a indústria cresceu apenas 0,69% e a distribuição, 5,98%.

Além disso, vale ressaltar que, quando comparado a 2010 – ano em que o setor agrícola cresceu 23,86% –, o crescimento de 7,99% registrado em 2011 significa uma continuidade no bom desempenho do setor no agronegócio mineiro.

No agronegócio da *pecuária,* a retração foi de 0,86% no mês de dezembro, o que ampliou o resultado negativo acumulado (-6,35%). No segmento de insumos, único a apresentar elevação entre os segmentos da cadeia, houve crescimento no mês de 0,36% e, no ano, de 16,80%. No segmento básico ("dentro da porteira"), o recuo foi de 1,06% em dezembro e, no acumulado do ano, de 9,22%, a maior retração entre os segmentos. A agroindústria continuou a trajetória de declínio, com recuo de 0,69% no mês e de 3,98% no acumulado de 2011. O segmento de distribuição mostrou o segundo pior resultado, com taxa de -0,94% em dezembro e de -7,55% no ano.

Insumos

O segmento de insumos do agronegócio mineiro manteve-se estável em dezembro: crescimento de 0,01% no mês. Em outubro e novembro, as taxas mensais, que tinham permanecido positivas desde o início de 2011, estiveram negativas, acompanhando o desempenho do setor no País. Dessa maneira, apesar de declinante, o resultado acumulado de janeiro a dezembro foi positivo e o maior dentre os segmentos do agronegócio: taxa de +15,86%. No setor da agricultura, os insumos decresceram 0,44% em dezembro; já no pecuário, houve crescimento de 0,36%. No ano, a expansão foi de 14,65% na agricultura e de 16,80% na pecuária.

De janeiro a dezembro de 2011, o grupo de fertilizantes e corretivos do solo permaneceu com números favoráveis, embora decrescentes desde agosto. Em dezembro, o volume anual produzido continuou em alta, mas inferior ao acumulado até o mês anterior: expansão de 12,11% a.a. (contra 14,35% a.a. até novembro). Com relação aos preços reais, houve expansão de 7,31% a.a. (contra 7,09% a.a. até novembro). Esses números podem ser explicados pela pressão de demanda, principalmente para a produção das commodities.

Combustíveis e lubrificantes apresentaram, em dezembro, recuo de 2% no volume e elevação de 0,2% nos preços. Para o período de janeiro a dezembro, o grupo acumulou baixas expressivas nos preços e no volume. A queda foi de 9,88% a.a. na produção e de 6,16% a.a. nos preços reais.

No grupo de alimentos para animais, houve perda de ritmo dos preços, decorrente, sobretudo, da desaceleração das cotações do milho e da soja, componentes principais das rações. Mesmo assim, as taxas mantiveram-se positivas no acumulado do ano, com expansão de 16,87% a.a. para os preços (contra 17,77% a.a. até novembro) e de 4,24% a.a. para o volume.

Na Figura 3 estão as taxas de crescimento dos ramos de insumos não-agropecuários para o ano de 2011, tomando-se como base os preços médios reais de 2011 em relação a 2010, e as estimativas anuais de produção para 2011. Na Tabela 8 são apresentados os números dos setores que compõem o segmento.

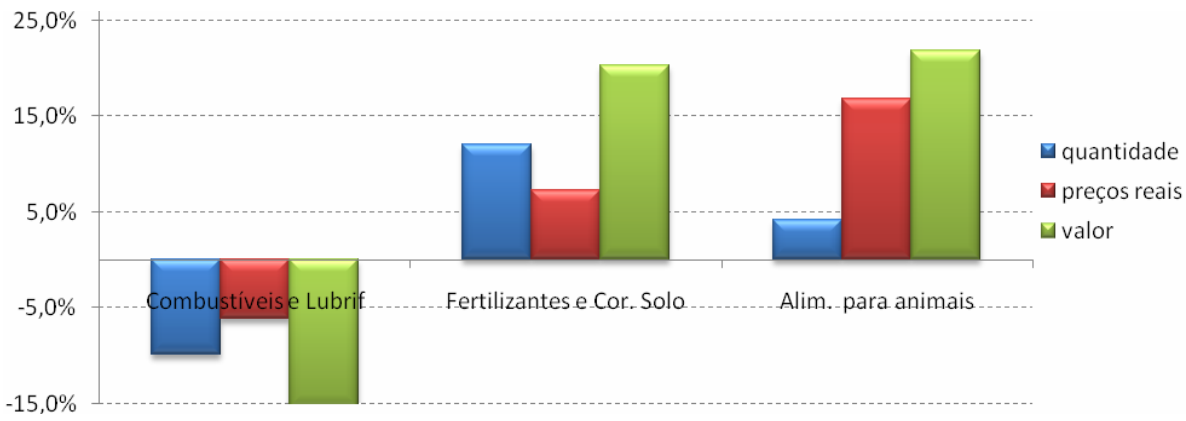

Figura 3 - Evolução do volume, preços reais e faturamento dos insumos não-agropecuários (%aa) – 2011/10
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, ANP, ANDA e IBGE)**.**

Atividades "dentro da porteira"

As atividades agropecuárias continuaram em queda em dezembro, com taxa de -0,42%, reduzindo para apenas 1,83% o crescimento do segmento em 2011. Seguindo a mesma trajetória desde outubro, o recuo mensal foi reflexo de números positivos, mas declinantes, nas atividades agrícolas e persistentemente negativos na pecuária.

Na *agricultura*, houve ligeiro avanço em dezembro (+0,57%), o que ampliou para +24,74% o resultado anual (contra +24,03% estimados até novembro). Destacam-se, para esse resultado: as maiores reestimativas de produção anual das lavouras (+0,79% a.a. até dezembro contra +0,54% até novembro) e a variação positiva dos preços (+24,11% a.a. até dezembro e 25,89% a.a. até novembro).

Os maiores ganhos em 2011 ocorreram no algodão, milho, cana-de-açúcar, café, tomate e soja. Nas três primeiras atividades, o desempenho positivo tanto dos preços, quanto do volume refletiram no crescimento do faturamento. Embora com preços em desaceleração (+20,96% a.a. até dezembro contra +30,37% a.a. até novembro), a atividade algodoeira foi a que mais se destacou, com crescimento anual de 147,76%. Segundo pesquisadores do Cepea, as altas sucessivas nos preços do algodão nos três primeiros meses do ano estiveram atreladas ao crescimento do consumo, à redução na área cultivada em importantes países produtores na safra 2009/10 e à redução dos estoques mundiais. Em março, com a oferta de algodão se recuperando, os valores internos da pluma começaram a diminuir, seguindo em queda até o começo do segundo semestre, quando incertezas sobre a produção deram aos preços comportamento mais estável. Já nos últimos três meses do ano, o cenário foi de baixa demanda pela pluma, o que manteve as cotações em nível menor.

O milho teve elevação de 31,90% a.a. em preços reais e de 7,31% a.a. em volume. Neste caso, pesquisas do Cepea apontaram que os baixos estoques no início do ano sustentaram os preços do grão. Além disso, a maior paridade de exportação elevou os preços internos, o que estimulou o aumento do cultivo no Norte e Nordeste do País. Para a segunda safra, também houve crescimento de área cultivada, tendo em vista que os preços estiveram em níveis atrativos aos produtores, pelos menos entre fevereiro e setembro de 2011. No último trimestre do ano, os preços cederam,

pressionados pelas preocupações com a crise na zona do euro e pela retração compradora nos mercados interno e externo.

Para a atividade canavieira, o ano foi marcado por queda na produção e preços em alta. A baixa produtividade dos canaviais, decorrente de problemas climáticos – que reduziram a qualidade e o volume processado – e da falta de renovação dos canaviais, foi apontada como o principal fator da retração da safra, que no ano chegou a 9,96%. Esse cenário também refletiu sobre os preços da cana-de-açúcar, fazendo com que, na média do ano, a alta chegasse a 23,08%.

Com crescimento anual de 35,45%, o café apresentou a maior variação percentual de preços entre os produtos agrícolas (+52,53% a.a.) e a segunda maior queda no volume (-11,20% a.a.). Segundo pesquisadores do Cepea, a sustentação dos preços do grão veio, principalmente, da baixa produção mundial, insuficiente para atender à crescente demanda global. Com isso, os estoques caíram para o menor patamar da história, tanto nos países produtores quanto nos consumidores.

O tomate e a soja, por sua vez, não apresentaram variações significativas no volume. Com relação aos preços, o tomate teve crescimento de 29,93% a.a. e a soja, marcada pela perda de ritmo nas cotações no mercado interno e externo, apresentou elevação de 10,54% a.a. (contra +12,91% a.a. até novembro).

Feijão, batata-inglesa, laranja, banana e arroz, por outro lado, foram os produtos que apresentaram perdas de receitas reais em 2011 em relação a 2010. No arroz, o menor patamar de preços se explica pela maior importação do Mercosul. Na laranja, a produção em alta pesou de forma negativa sobre os preços e, no fechamento do ano, o preço médio real recebido pelos produtores foi 16% menor quando comparado ao nível de 2010. No caso da batata, preços médios abaixo do custo de produção impactaram o faturamento, frustrando o planejamento de muitos produtores. Segundo a equipe Hotifruti Cepea, em termos de oferta, a safra de inverno da batata foi semelhante à de 2010 graças à boa produtividade das lavouras, já que a área diminuiu. Essa retração foi apontada como reflexo da descapitalização dos produtores na última temporada das águas, sendo que a maior diminuição ocorreu nas regiões que tiveram os menores preços nas águas 2010/11, entre elas o Sul de Minas.

As atividades da *pecuária* apresentaram retração de 1,06% em dezembro, o que ampliou para 9,22% as perdas em 2011, em relação a 2010. Esse desempenho teve como base uma piora nos preços e recuo na produção, especialmente na bovinocultura (de corte e de leite). Para os bovinos machos, os preços reais tiveram crescimento acumulado no ano de 4,94%, contra 6,22% até novembro; em volume, o recuo anual foi de 21,87%. O saldo anual para esta atividade ficou negativo em 18,01%. Para as vacas, o aumento anual de preços foi de 3,85% e a queda no volume, de 15,34%. Vale ressaltar que, em volume, as estimativas do último trimestre do ano ainda serão divulgadas pelo IBGE, o que implicará em ajustes no saldo anual.

Frango, leite, ovos e suínos apresentaram crescimento de receitas e contribuíram positivamente para o resultado da cadeia. Na avicultura, enquanto o volume recuou 2,38% a.a., houve variação real positiva dos preços de 7,66% a.a. (crescimento de 5,10% a.a. nas receitas). O mesmo movimento foi observado no leite, que manteve crescimento das receitas (+3,68% a.a. até dezembro contra +3,77% a.a. até novembro), com volume em queda e preços reais em alta. Em contrapartida, ovos frescos apresentaram evolução positiva de preços e quantidades, com faturamento anual 5,98% maior em 2011 em relação a 2010. Na suinocultura, os volumes mantiveram-se em alta, com 14,52% a.a, compensando a queda anual de 10,97% nos preços reais recebidos; como resultado, a atividade acumulou avanço de 1,96% em 2011.

Veja nas Figuras 4 e 5, a variação de volume, de preços reais e de faturamento real das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras em 2011, tomando-se como base os

preços médios de janeiro a dezembro de 2011 em relação ao mesmo período do ano anterior e as estimativas anuais de produção.

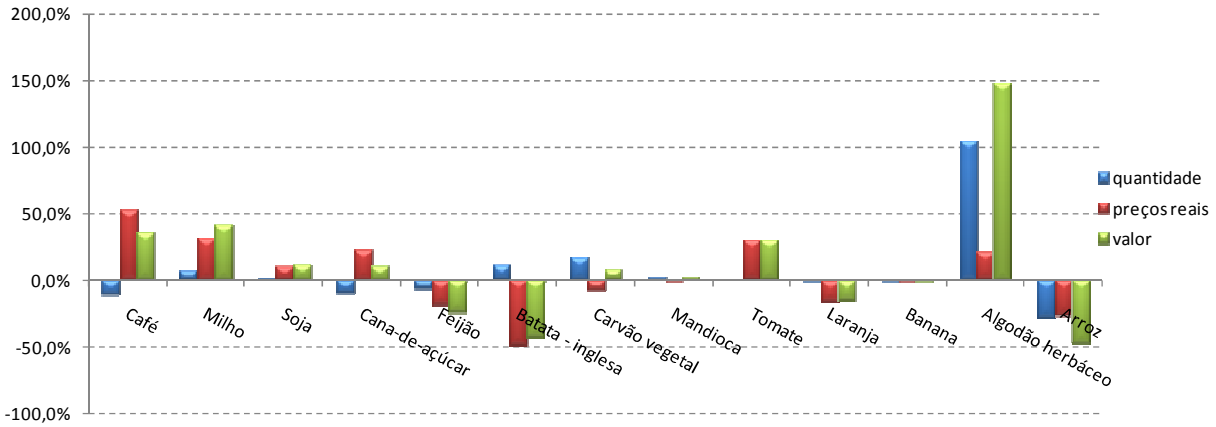

Figura 4 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (%aa) – 2011/10
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

Figura 5 - Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (%aa) – 2011/10
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, Avimig e IBGE).

- **Atividades da Agroindústria:**

O segmento industrial do agronegócio mineiro apresentou declínio de 1,00% em dezembro, o que reduziu para 0,06% o crescimento acumulado da renda em 2011. Acompanhando o cenário já observado no mês anterior, a agroindústria de base agrícola seguiu com resultado anual positivo e em declínio, enquanto a de base pecuária continuou em baixa.

A renda da agroindústria de base *agrícola* recuou 1,05% em dezembro. Com isso, o resultado anual passou para apenas +0,69%. Esta performance esteve condicionada à queda na renda anual de cinco das nove indústrias analisadas: celulose, álcool hidratado, têxtil, açúcar e bebidas. Na primeira, a diminuição em 9,81% dos preços reais foi responsável pelo resultado

negativo da atividade (-8,52% a.a.). Nas outras quatro, as taxas negativas em volume levaram ao menor faturamento em 2011 em relação a 2010. O pior desempenho foi observado na indústria de álcool hidratado (retração de 19,06% a.a. até dezembro), que apesar de ter apresentado taxa positiva em preços reais (+22,41% a.a.), registrou expressiva queda em seu volume (-33,87% a.a.).

Álcool anidro, café, fumo e óleo de soja refinado apresentaram faturamento positivo e contribuíram favoravelmente para o resultado geral da agroindústria. O álcool anidro seguiu na dianteira, acumulando crescimento de 57,91% no ano. Mesmo assim, esta expansão da renda foi menor que a observada até novembro (de +60,31% a.a.), fruto da alta menos expressiva dos preços (+26,17% a.a. até dezembro contra +28,08% a.a. até novembro). Na mesma direção, ficou o óleo de soja refinado, com taxa anual de +16,54% (resultado 2,96 pontos percentuais menor que o de novembro). Frente a elevações tanto em volume quanto em preços reais, o café mostrou crescimento de 9,64% em 2011. No caso do fumo, a evolução do volume foi suficiente para compensar o recuo dos preços (queda de 3,14% a.a.) e fazer com que o ano terminasse com receita 3,62% superior à de 2010 (ver figura 6).

Na agroindústria de base *pecuária*, houve novamente retração em dezembro. O recuo no mês foi de 0,69%, o que ampliou para 3,98% a queda em 2011. O desempenho foi ainda pior que em novembro (quando a taxa foi de -2,80% a.a.), mas a retração na renda prosseguiu menor que a dos segmentos básico e de distribuição. O resultado de dezembro pode ser explicado pelo recuo tanto do preço médio anual – que manteve a trajetória de declínio iniciada em novembro e apresentou variação real negativa de 0,52% a.a. – quanto do volume (-2,22% a.a.).

A carne bovina mostrou o pior resultado do grupo, com decréscimo de 13,32% da renda em 2011: consequência da significativa variação negativa do volume (-17,27% a.a.). Segundo pesquisadores do Cepea, o ano de 2011 foi atípico para a bovinocultura de corte, uma vez que, no primeiro semestre, os preços mantiveram-se elevados, enquanto que, em meados do ano, os efeitos da crise econômica externa e a desaceleração da economia brasileira pesaram sobre os preços do setor, tornando-os menores que o patamar alcançado no primeiro semestre. Em Minas, diferente do observado no Brasil, a desaceleração dos preços foi menos significativa, o que explica a alta de 4,78% nos preços dos bois vivos no estado – até junho esta taxa esteve sempre acima de 14%. Em volume, as decisões sobre a programação de animais que seriam ofertados após julho se deram num cenário de custos de produção elevados e com poucas perspectivas de avanços da demanda, principalmente devido à crise europeia e à desaceleração da economia global. Ainda com faturamento negativo ficaram: carne de vaca, leite em pó, queijo muçarela e leite pasteurizado, com taxas de -4,21% a.a., -10,74% a.a., -10,76% a.a. e -5,52% a.a., respectivamente.

O leite UHT, por outro lado, apresentou o maior aumento de receita, em decorrência, principalmente, da elevação da média anual de preços reais em 1,78% e da expansão do volume em 17,41% a.a.. Em seguida ficou a carne de aves, com ascensão no ano de 5,65% do faturamento. Finalmente, a carne suína permaneceu como a única entre as carnes com recuo real de preços em 2011 (-12,62% a.a.). Nesse caso, o volume de produção, 14,52% superior ao de 2010, foi suficiente para manter as receitas positivas (+0,07% a.a.). Os resultados anuais podem ser vistos na Figura 7 e Tabela 12.

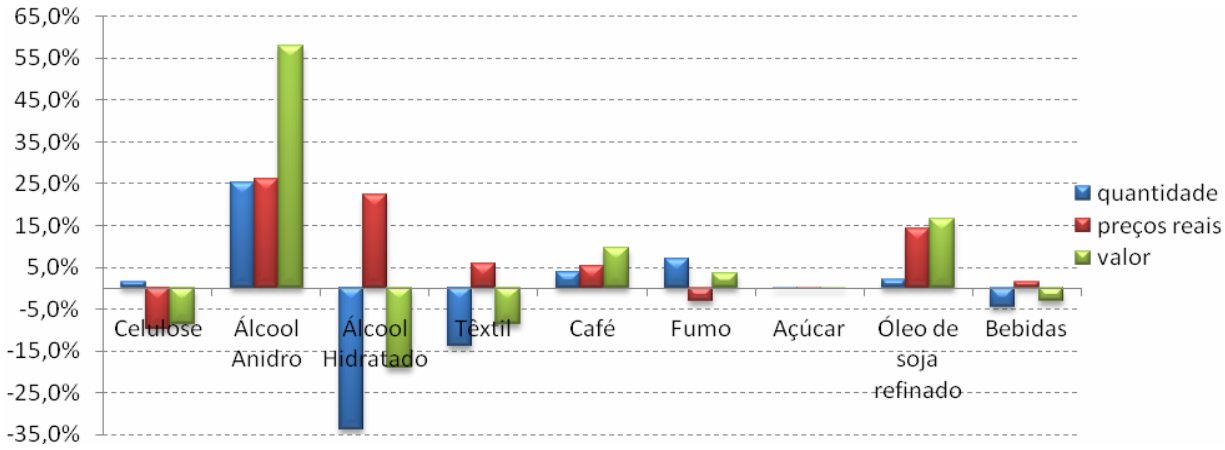

Figura 6. Crescimento do volume, de preços reais e do faturamento da agroindústria vegetal (%aa) – 2011/10
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

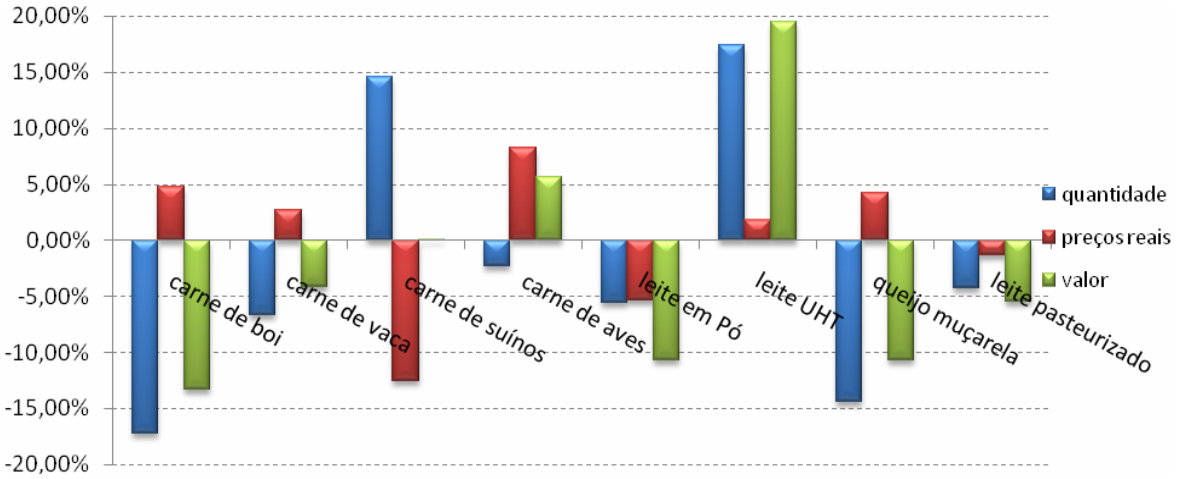

Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (%aa) – 2011/10
Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

- **Distribuição**:

O segmento de distribuição (comércio e transporte) do agronegócio mineiro apresentou recuo de 0,75% em dezembro, reduzindo a expansão acumulada da renda em 2011 para 0,41%.

No segmento de distribuição *agrícola*, houve recuo mensal de 0,63%, continuando a trajetória de declínio iniciada em novembro. Dessa maneira, o resultado acumulado em 2011 foi de +5,98%. A queda mensal acompanhou a desaceleração nas atividades "dentro da porteira" e a retração nos insumos e na agroindústria.

No segmento de distribuição da *pecuária*, dezembro continuou ruim, apresentando novas retrações da renda gerada em relação a 2010. Neste mês, o recuo foi de 0,94% (contra -1,15% em novembro), o que levou a uma queda anual de 7,55%. Esse comportamento acompanhou as variações negativas tanto do segmento básico quanto da agroindústria.

Participações:

Em dezembro, as participações dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais passaram a ser as seguintes: insumos não-agropecuários: 6,60%, segmento básico: 35,56%, industrial: 27,12% e de distribuição: 30,73%. Em 2010, tais participações foram, respectivamente, de: 5,83%; 35,36%; 27,68% e 31,13%. O aumento da participação dos segmentos de insumos e básico reflete o bom desempenho destes segmentos comparativamente ao resultado observado dos segmentos Industrial e da Distribuição.

No agronegócio da *agricultura*, as participações são: insumos não-agropecuários: 4,78%, básico: 23,75%, agroindústria: 39,52% e distribuição: 31,95%. Em 2010, foram de: 4,49%; 20,75%; 42,23% e 32,53%. Houve, portanto, pequena redução na participação dos insumos e da indústria, sendo a parcela reduzida apropriada pelos segmentos básico e de distribuição. A menor participação da indústria se deveu ao seu modesto desempenho em 2011. Já os Insumos perderam espaço devido ao crescimento mais expressivo do segmento primário.

No agronegócio da *pecuária*, as participações são: insumos não-agropecuários: 9,29%; básico: 53,05%, agroindústria: 8,74% e distribuição: 28,92%. Em 2010, foram de: 7,59%; 54,53%; 8,59% e 29,29%. Diferente do ocorrido na agricultura, na pecuária, houve diminuição nos segmentos básico e da distribuição, sendo estas parcelas apropriadas pelos insumos e indústria. No caso deste último segmento, a maior participação na formação do PIB se deveu à queda menos acentuada comparada ao recuo nos segmentos primário e da distribuição.

2.3 Análises conjunturais gerais

A oferta de **açúcar** da região Centro-Sul do País foi menor que a esperada no correr de 2011. Esse cenário fez com que os preços do produto se mantivessem em patamares elevados em grande parte do ano. De 1º de abril ao final de dezembro, a média do Indicador do açúcar cristal CEPEA/ESALQ (São Paulo) foi de R$ 63,24/saca de 50 kg, valor 11% superior ao do mesmo período de 2010 (R$ 56,97/sc), em termos nominais.

Os embarques de açúcar bruto (VHP) totalizaram 20,16 milhões de toneladas de janeiro a dezembro de 2011, volume 3,75% inferior ao de 2010 (20,94 milhões). No entanto, houve aumento de 24,08% da receita (em dólar – FOB) na mesma comparação. De açúcar branco, os embarques somaram 5,2 milhões de toneladas em 2011, queda de 26,3%. Em relação ao preço, a média desses 12 meses foi de US$ 573,05/t (FOB) para o VHP, aumento de 28,93% sobre a média de 2010, que foi de US$ 444,48/t. Para o açúcar branco, a média foi de US$ 651,67/t, alta de 33,19%.

A safra 2011/12 de **etanol** também foi marcada pelo comportamento firme dos preços, que tiveram a maior média da década em termos reais. A média do hidratado na parcial desta safra (de abril a dezembro/11) foi de R$ 1,2164/litro (sem impostos) em termos reais (valores deflacionados pelo IGP-DI de jan/12), aumento de 28,35% sobre o mesmo período de 2010. A maior média mensal da temporada, de R$ 1,4177/litro (sem impostos), foi verificada em abril. No caso do anidro, a média parcial foi de R$ 1,4825/litro (sem impostos), 35,15% superior à do mesmo período de 2010 – também para este tipo, o maior valor médio ocorreu em abril, de R$ 2,4267/litro (sem impostos). Com o elevado patamar de preço do hidratado no correr de 2011, o combustível acabou perdendo competitividade econômica frente à gasolina C em muitos estados. Assim, as vendas de gasolina C se aqueceram, elevando a demanda pelo anidro.

Sobre as vendas para o mercado externo, baixos volumes foram embarcados nos primeiros meses da safra atual. Porém, no correr da temporada, o desempenho foi melhorando. Segundo dados da Secex, de abril a dezembro de 2011, foram exportados 1,64 bilhão de litros de etanol, volume 4,15% superior ao do mesmo período de 2010. As importações, por sua vez, somaram 571,469 milhões de litros no mesmo período.

O Indicador CEPEA/ESALQ do **arábica** tipo 6 bebida dura para melhor acompanhou o comportamento da ICE Futures e, em abril, sua média foi recorde, mantendo relativa sustentação nos meses seguintes. Mesmo no último trimestre do ano – especialmente em outubro –, os valores internos não caíram na mesma intensidade que as cotações futuras na Bolsa de Nova York. Nesse período, cafeicultores brasileiros que ainda possuíam grão limitaram as vendas. Na parcial da safra 2011/12 (de julho a 29 de dezembro), a média do Indicador CEPEA/ESALQ do arábica, posto na capital paulista, foi R$ 485,59/sc de 60 kg, expressiva alta de 45% frente ao mesmo período de 2010. A redução da oferta mundial e a firme demanda impulsionaram os valores do café tanto no Brasil quanto no mercado internacional.

Os preços do **robusta** também avançaram em 2011, mesmo com a safra 2011/12 atingindo recorde de produção no Espírito Santo. Segundo a Conab, esta temporada deve ser de 8,5 milhões de sacas, 15,5% maior que a safra 2010/11 (7,4 milhões de sacas). Desde o início de 2011, o robusta tipo 6, peneira 13 acima, é negociado acima de R$ 200,00/saca, com reajustes positivos quase que diários a partir de meados de outubro. Na parcial da safra 2011/12 (de julho a 29 de dezembro), a média do Indicador CEPEA/ESALQ do tipo 6, peneira 13 acima, a retirar no Espírito Santo, foi de R$ 247,36/saca, alta de 39,1% frente ao mesmo período da temporada passada. Para o robusta tipo 7/8, a retirar no Espírito Santo, a média parcial da safra foi de R$ 237,18/saca, com aumento de 39,5% na mesma comparação **–** valores nominais.

Diante da expectativa de maior oferta, os preços do **algodão** em pluma, por sua vez, seguiram em queda até o começo do segundo semestre. A partir de então, problemas climáticos em várias regiões do mundo, incluindo o Brasil, geraram incertezas sobre a produção agregada ao mesmo tempo em que a demanda se apresentou mais firme. Com isso, no Brasil, os preços assumiram comportamento mais estável, mas em nível relativamente baixo. Nos últimos três meses do ano, prevaleceu a baixa demanda pelo algodão no Brasil e no mundo, o que manteve as cotações da pluma em nível baixo. Em dezembro, o Indicador CEPEA/ESALQ acumulou queda de 2,67%, com média mensal de R$ 1,6580/lp. O Índice *Cotlook A* recuou 4,21%, com média mensal de US$ 0,9538/lp. No total de 2011, os embarques de pluma brasileira somaram 758,3 mil toneladas e geraram receita de US$ 1,6 bilhão, ambos recordes – dados da Secex. Em relação a 2010, o crescimento foi de 48% em volume e de 93,5% em valor. Até então, os recordes do mercado de algodão haviam sido registrados em 2008.

Com a menor rentabilidade do **milho** frente a culturas concorrentes em área, especialmente a soja, o ano de 2011 iniciou em clima de redução da área de milho na safra de verão no Brasil. Entretanto, dada a sustentação dos preços nos mercados interno e externo, houve crescimento da área cultivada para a segunda safra. No agregado (verão + segunda safra), a área de milho no País foi de 13,84 milhões de hectares na safra 2010/11, 6,5% maior que na temporada anterior. A produtividade média diminuiu 3,6%, para 4.156 kg/ha, mas a produção total aumentou 2,7%, para 57,5 milhões de toneladas, segundo a Conab.

Do lado da demanda, o consumo interno de milho chegou ao recorde de 48,4 milhões de toneladas e a exportação, em 2011, somou 9,5 milhões de toneladas para 55 diferentes países, dos quais os 10 maiores adquiriram 7,5% do total. Mesmo assim, os estoques de passagem em 2011 foram elevados. Refletindo os diversos movimentos de oferta e demanda, no acumulado de 2011 (comparação do fechamento de 2011 com o mesmo dia de 2010), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (região de Campinas-SP; valores a prazo são convertidos para à vista pela

taxa de desconto CDI) subiu 5%. Se considerada a taxa de desconto NPR, na região de Campinas, houve alta de 4,9%.

As incertezas no campo e nos cenários político e econômico também afetaram o mercado de **soja**, tanto no setor alimentício quanto no de energia. A área cultivada com soja no Brasil foi de 24,18 milhões de hectares na temporada 2010/11, 3% maior que a da safra anterior, segundo a Conab. A produtividade estimada foi de 3.115 kg/ha, avanço de 6,4%, e a produção chegou a 75,32 milhões de toneladas, crescimento de 9,7%. No mercado físico brasileiro, a média ponderada das regiões paranaenses, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ recuou 4,6% ao longo de 2011, mas sua média anual foi 16,1% acima da de 2010. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa (produto transferido para armazéns do porto de Paranaguá), em reais, teve ligeira baixa de 0,8% em 2011, com média anual 16,5% superior à de 2010. Em dólar, as variações foram de -11,9% e de +22,6%, respectivamente.

Registrando o efetivo das exportações brasileiras, a Secex apontou que, entre janeiro e dezembro de 2011, o Brasil exportou cerca de 33 milhões de toneladas de soja em grão, com crescimento de 13,8% em relação ao acumulado de 2010, sendo o maior volume exportado pelo País. De farelo de soja, em 2011, foram embarcadas 14,4 milhões de toneladas, quantidade 5% maior que a de 2010 e a maior desde 2005. Em relação aos embarques de óleo de soja, chegaram a 1,53 milhão de toneladas em 2011, volume 9,5% superior ao exportado em 2010.

Para as cotações do **boi gordo**, o ano de 2011 foi atípico: o primeiro semestre teve preços elevados, sendo mantido o ritmo da entressafra do ano anterior; em meados do ano, no entanto, os efeitos da crise econômica externa e a desaceleração da economia brasileira começaram a pesar sobre os preços do setor que, em grande parte do segundo semestre, foram menores que no primeiro. O Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa (mercado paulista) recuou 4,16% ao longo de dezembro, com média mensal de R$ 101,75.

Com relação ao **leite**, a captação nos sete principais estados produtores do País diminuiu em 2011. Conforme pesquisas do Cepea, em 2011, o Índice de Captação de Leite (ICAP-Leite/Cepea), calculado com base em amostragem (não censo) do volume recebido por cooperativas/laticínios dos estados do RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA foi 2,2% menor que o de 2010. O preço médio do leite pago ao produtor em dezembro (referente à produção entregue em novembro) foi de R$ 0,8458/litro, recuo de quase 1% (menos de 1 centavo por litro) frente ao pagamento do mês anterior, segundo pesquisas do Cepea. Dados do Centro mostram também que, na média dos 12 meses de 2011, o preço do leite foi de R$ 0,8445/litro, já considerando-se a inflação até novembro (IPCA). Esse valor representa aumento real de 10% em relação à média de 2010.

Finalmente, a típica demanda de final de ano manteve os preços do **suíno** vivo e da sua carne em alta no mês de dezembro. Os reajustes que se sucederam de meados de novembro ao final de dezembro, no entanto, não foram suficientes para que os preços nominais sequer alcançassem as médias de dezembro de 2010. Em Santa Catarina, por exemplo, a média do Indicador do Suíno Vivo CEPEA/ESALQ (preço ao produtor) foi 9,3% inferior à de dezembro de 2010 – sem ser considerada a inflação do período, que agravaria a perda. No Sudeste, São Paulo foi o estado que registrou o maior recuo, com o Indicador 7,9% menor no encerramento de 2011; em Minas Gerais, o preço do suíno ao produtor estava 4% mais barato.

Dados da Secex apontam que os embarques de carne suína no mês de dezembro foram 15,7% menores que os de novembro, totalizando 30,1 mil toneladas. Comparando-se com o exportado em dez/10, no entanto, houve aumento de 5,6%. Em relação ao preço pago por tonelada, em dólar, houve redução de 5,5% de novembro para dezembro, mas aumento de 11,2% na comparação com dez/10. A receita de dezembro totalizou R$ 169 milhões, queda de 18,4% frente à de novembro.

3. Conclusões e recomendações

O agronegócio mineiro apresentou recuo de 0,65% em dezembro, mesmo ritmo de novembro, reduzindo para 1,71% a expansão da renda em 2011. Esse modesto desempenho do segmento se explica pelo desequilíbrio nos setores agrícola e pecuário. Na agricultura, 2011 foi de crescimento, com o setor acumulando no ano avanço de 7,99%. Paralelamente, na pecuária, o cenário foi de queda: taxa de -6,35%. Com isso, no balanço entre os setores, o agronegócio mineiro cresceu apenas 1,71%. Ao mesmo tempo, vale ressaltar que a análise de 2011 deve ser conduzida tendo em conta o significativo crescimento do agronegócio mineiro em 2010 (+17,93%). Desta forma, o crescimento de 1,71% - em relação a um ano tão positivo, não deve ser considerado tão inexpressivo.

Entre as atividades do segmento básico, destaca-se o desempenho do algodão, que registrou alta anual de 147,76% em seu faturamento. Café, milho e cana-de-açúcar também acumularam crescimento significativo em 2011 - todos acima de 35%, sendo que, para o milho, esta taxa chegou a 41,54%. No caso da soja, a expansão foi de 12%. Deve-se ressaltar que estas culturas representaram, em 2011, cerca de 70% do valor bruto da produção das atividades agrícolas em Minas Gerais. Na pecuária, o desempenho negativo observado na bovinocultura (-18,01% para boi e -12,08% vaca) refletiu no resultado desfavorável do segmento primário (recuo de 9,22% no acumulado de janeiro a dezembro de 2011).

Nas atividades industriais, o cenário se manteve adverso: recuo de 1% em dezembro e avanço de apenas 0,06% no acumulado de janeiro a dezembro de 2011. Esse resultado foi consequência especialmente do desempenho do setor pecuário, que apontou declínio de 3,98% da renda acumulada, em decorrência de recuo de preços e de quantidades. Na agricultura, o desempenho industrial foi positivo (+0,69%), mas muito inferior ao registrado nos demais segmentos do setor.

Destaca-se, nos insumos, a alta dos fertilizantes e das rações, que pesou sobre os custos e pressionou a renda dos produtores. Os preços dos fertilizantes mantiveram-se elevados durante todo o ano, sustentados pela ascensão das cotações das commodities agrícolas. As rações também seguiram em alta, reflexo do preço do milho. Entretanto, espera-se que, com a desaceleração das commodities nos últimos meses de 2011, esta trajetória não se prolongue por muito tempo.

De forma geral, os números estimados para a renda do setor agropecuário de Minas Gerais diminuíram consecutivamente a cada trimestre. A intensificação dos problemas de dívida da Europa contaminou a dinâmica da economia mundial e também do agronegócio, ajustando os preços para baixo, assim como as perspectivas de crescimento. Paralelamente, a desvalorização do real frente ao dólar nos últimos meses do ano ajudou a minimizar as perdas no faturamento com as exportações do agronegócio, decorrentes da queda nos preços internacionais das commodities no segundo semestre.

Para o início de 2012, a preocupação segue relacionada ao cenário internacional, especificamente ao desempenho da economia europeia e às importações da China. Entretanto, a expectativa é que, mesmo havendo recuo no crescimento das exportações do agronegócio, este não será de grandes proporções. Além disso, sob a ótica do mercado interno, espera-se demanda firme, o que poderá agir compensando possíveis perdas advindas do mercado externo.

4. Tabelas de dados

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2011/2010(%)

AGRONEGÓCIO

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/10	-1,63	0,68	2,85	1,77	1,40
fev/10	-1,47	1,00	4,00	2,51	2,07
mar/10	-1,84	1,55	2,60	2,08	1,76
abr/10	-1,19	2,08	2,58	2,32	2,07
mai/10	-1,47	0,86	1,90	1,41	1,16
jun/10	-1,82	0,44	1,66	1,07	0,83
jul/10	-1,87	0,61	1,36	0,93	0,77
ago/10	0,10	0,59	1,50	1,03	0,95
set/10	1,46	0,99	1,24	1,07	1,11
out/10	0,27	1,22	1,37	1,27	1,22
nov/10	1,56	1,63	1,54	1,56	1,58
dez/10	1,01	2,21	1,29	1,65	1,71
jan/11	1,18	-0,09	-0,21	-0,17	-0,07
fev/11	1,58	1,10	-0,11	0,43	0,59
mar/11	0,46	0,51	0,71	0,55	0,57
abr/11	1,42	0,12	1,84	0,96	0,93
mai/11	2,12	0,42	1,10	0,72	0,80
jun/11	4,74	0,08	1,27	0,65	0,87
jul/11	3,24	-0,06	-3,59	-2,00	-1,44
ago/11	1,29	0,18	0,61	0,40	0,44
set/11	0,21	0,38	-0,02	0,13	0,18
out/11	-0,23	-0,04	0,45	0,18	0,15
nov/11	-1,06	-0,36	-0,86	-0,66	-0,63
dez/11	0,01	-0,42	-1,00	-0,75	-0,65
Acum. no ano (2010)	-6,79	13,56	26,46	19,66	17,24
Acum. no ano (2011)	15,86	1,83	0,06	0,41	1,71

AGRICULTURA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/10	-2,84	0,54	3,27	2,62	2,09
fev/10	-2,59	0,91	4,59	3,73	3,10
mar/10	-3,49	1,24	2,83	2,47	2,02
abr/10	-2,17	2,16	2,73	2,61	2,31
mai/10	-2,60	0,93	2,04	1,80	1,50
jun/10	-3,08	0,74	1,88	1,63	1,32
jul/10	-2,68	1,75	1,66	1,68	1,48
ago/10	0,25	1,07	1,75	1,60	1,49
set/10	2,89	0,96	1,40	1,31	1,35
out/10	0,47	1,36	1,46	1,44	1,39
nov/10	2,30	1,39	1,60	1,55	1,57
dez/10	1,28	3,78	1,30	1,84	1,98
jan/11	0,83	2,96	-0,23	0,47	0,70

fev/11	1,40	1,95	-0,22	0,27	0,47
mar/11	-0,39	2,23	0,88	1,19	1,21
abr/11	1,66	2,15	2,25	2,23	2,19
mai/11	2,46	2,45	1,32	1,58	1,70
jun/11	7,47	2,51	1,56	1,78	2,10
jul/11	4,81	1,93	-4,05	-2,64	-1,87
ago/11	1,30	0,81	0,69	0,72	0,76
set/11	-0,74	1,92	-0,02	0,46	0,53
out/11	-1,48	1,59	0,61	0,85	0,81
nov/11	-2,71	1,26	-0,89	-0,35	-0,31
dez/11	-0,44	0,57	-1,05	-0,63	-0,51
Acum. no ano (2010)	-11,86	19,53	29,92	27,46	24,25
Acum. no ano (2011)	14,65	24,74	0,69	5,98	7,99

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/10	-0,60	0,74	0,62	0,70	0,60
fev/10	-0,54	1,05	0,76	0,96	0,86
mar/10	-0,49	1,70	1,33	1,58	1,45
abr/10	-0,41	2,05	1,72	1,94	1,79
mai/10	-0,58	0,82	1,05	0,90	0,75
jun/10	-0,86	0,30	0,35	0,32	0,22
jul/10	-1,27	0,08	-0,43	-0,08	-0,11
ago/10	-0,01	0,37	-0,06	0,23	0,26
set/10	0,41	1,01	0,19	0,74	0,81
out/10	0,11	1,15	0,83	1,04	1,01
nov/10	1,00	1,74	1,19	1,56	1,59
dez/10	0,80	1,47	1,19	1,38	1,37
jan/11	1,44	-1,56	-0,06	-1,08	-1,07
fev/11	1,72	0,67	0,65	0,66	0,74
mar/11	1,12	-0,37	-0,37	-0,37	-0,26
abr/11	1,24	-0,95	-0,78	-0,90	-0,75
mai/11	1,87	-0,68	-0,39	-0,58	-0,42
jun/11	2,65	-1,28	-0,69	-1,09	-0,85
jul/11	1,98	-1,22	-0,49	-0,98	-0,82
ago/11	1,28	-0,19	0,08	-0,10	-0,02
set/11	0,99	-0,55	-0,04	-0,38	-0,32
out/11	0,78	-1,04	-0,59	-0,89	-0,80
nov/11	0,24	-1,38	-0,68	-1,15	-1,11
dez/11	0,36	-1,06	-0,69	-0,94	-0,86
Acum. no ano (2010)	-2,43	10,80	7,95	9,87	9,16
Acum. no ano (2011)	16,80	-9,22	-3,98	-7,55	-6,35

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2011

AGRONEGÓCIO

	INSUMOS	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	14,38	4,52	5,92	4,40	5,39
2003	14,51	4,78	10,41	7,20	7,47
2004	7,83	21,11	-5,97	7,01	9,33
2005	1,27	-12,53	8,16	-2,80	-4,38
2006	-2,59	12,93	22,58	16,57	15,22
2007	13,64	6,75	0,22	4,55	4,85
2008	32,75	13,01	6,16	9,39	11,54
2009	-9,14	-11,39	7,25	-2,43	-4,26
2010	-6,79	13,56	26,46	19,66	17,24
2011*	15,86	1,83	0,06	0,41	1,71

AGRICULTURA

	INSUMOS	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	9,46	3,22	8,83	6,97	6,64
2003	15,74	-0,61	12,46	8,29	7,64
2004	9,77	20,95	-8,04	0,46	3,26
2005	-3,45	-5,95	9,10	3,78	2,08
2006	-6,51	-1,71	27,87	18,40	14,54
2007	22,39	-1,15	-3,63	-2,97	-1,56
2008	38,66	18,31	5,78	9,17	11,88
2009	-16,37	-17,60	10,17	2,03	-1,46
2010	-11,86	19,53	29,92	27,46	24,25
2011*	14,65	24,74	0,69	5,98	7,99

PECUÁRIA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	19,21	5,39	-5,38	1,32	3,90
2003	13,40	8,31	1,24	5,81	7,26
2004	6,04	21,20	4,34	15,51	16,80
2005	5,76	-16,47	4,02	-10,22	-11,40
2006	0,82	22,83	-1,67	14,17	16,06
2007	6,59	11,03	23,20	14,74	12,76
2008	27,27	10,46	7,96	9,64	11,18
2009	-1,86	-8,18	-6,08	-7,51	-7,30
2010	-2,43	10,80	7,95	9,87	9,16
2011*	16,80	-9,22	-3,98	-7,55	-6,35

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a dezembro de 2011

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2011 (R$ milhões de 2011)

AGRONEGÓCIO

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	3.779	25.661	15.188	19.833	64.462
2002	4.322	26.822	16.087	20.707	67.938
2003	4.950	28.103	17.762	22.197	73.011
2004	5.337	34.035	16.702	23.753	79.827
2005	5.405	29.772	18.064	23.089	76.329
2006	5.265	33.622	22.143	26.914	87.944
2007	5.983	35.893	22.192	28.139	92.207
2008	7.942	40.564	23.559	30.781	102.846
2009	7.216	35.945	25.268	30.033	98.462

2010	6.726	40.820	31.955	35.938	115.438
2011*	7.793	41.985	32.019	36.286	118.083

AGRICULTURA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.872	10.289	12.079	10.821	35.062
2002	2.049	10.621	13.146	11.575	37.391
2003	2.371	10.556	14.784	12.535	40.246
2004	2.603	12.768	13.595	12.592	41.557
2005	2.513	12.007	14.832	13.069	42.421
2006	2.349	11.802	18.965	15.474	48.590
2007	2.875	11.666	18.276	15.013	47.831
2008	3.987	13.803	19.332	16.390	53.511
2009	3.334	11.374	21.297	16.722	52.727
2010	2.939	13.594	27.669	21.313	65.515
2011*	3.369	16.739	27.861	22.523	70.492

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.907	15.372	3.109	9.012	29.400
2002	2.274	16.201	2.941	9.131	30.547
2003	2.578	17.547	2.978	9.662	32.765
2004	2.734	21.268	3.107	11.161	38.269
2005	2.892	17.764	3.232	10.020	33.908
2006	2.915	21.821	3.178	11.440	39.354
2007	3.108	24.227	3.916	13.126	44.376
2008	3.955	26.761	4.227	14.391	49.335
2009	3.882	24.571	3.970	13.311	45.735
2010	3.787	27.225	4.286	14.625	49.923
2011*	4.424	25.246	4.158	13.763	47.591

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a dezembro de 2011.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,25	6,94	8,56	9,20
2003	9,57	11,48	7,45	8,82	9,28
2004	10,02	14,02	6,67	9,13	9,89
2005	11,31	13,60	7,20	9,18	9,92
2006	11,37	15,69	8,59	10,59	11,38
2007	11,38	14,93	8,25	10,36	11,06
2008	12,58	14,71	8,73	10,90	11,54
2009	13,22	14,04	9,92	11,20	11,81
2010	12,25	14,48	11,73	12,55	12,89
2011*	12,71	13,45	11,68	12,13	12,47

AGRICULTURA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,39	6,73	6,93	7,22
2003	7,03	7,19	7,31	7,16	7,21
2004	7,51	8,85	6,38	6,92	7,24
2005	8,51	9,85	6,92	7,46	7,84
2006	8,10	9,71	8,50	8,53	8,75
2007	8,63	8,55	7,89	7,85	8,07
2008	9,57	8,65	8,37	8,37	8,52
2009	9,67	7,79	9,75	8,94	9,00
2010	8,62	8,40	11,71	10,55	10,33
2011*	8,98	9,23	11,68	10,64	10,53

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,54	8,04	12,19	13,87
2003	14,35	17,88	8,22	12,62	14,32
2004	14,71	21,58	8,32	14,25	16,44
2005	15,85	18,30	8,84	13,10	14,85
2006	16,84	23,53	9,12	15,73	18,08
2007	16,14	23,31	10,43	16,36	18,42
2008	18,44	23,03	10,89	16,64	18,76
2009	19,30	22,32	11,00	16,41	18,49
2010	18,20	22,67	11,85	17,34	19,10
2011*	18,59	19,31	11,67	15,76	17,15

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

* Participações com base nos PIBs até dezembro de 2011.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO BÁSICO - AGRICULTURA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Café	48,35	34,70	25,95	33,94	35,97	42,00	30,30	33,91	33,67	39,67
Milho	8,83	15,27	16,02	11,67	11,79	9,17	14,18	12,64	11,63	8,91
Soja	7,07	11,61	13,91	12,37	9,69	7,43	9,41	9,99	12,67	9,11
Cana-de-açúcar	6,69	5,48	6,14	5,03	5,68	9,51	10,17	8,00	12,48	13,95
Feijão	5,06	6,69	7,18	3,91	5,71	4,09	5,35	8,70	5,47	5,91
Batata – inglesa	5,78	4,32	5,39	4,18	5,32	4,08	4,83	3,70	6,81	5,16
Carvão vegetal	8,70	10,07	13,02	17,47	15,93	15,12	17,31	15,54	7,83	8,09
Mandioca	0,35	0,47	1,51	1,50	0,79	0,63	0,84	0,73	0,76	0,85
Tomate	3,06	4,64	3,71	4,54	3,89	2,31	2,39	2,43	3,01	1,97
Laranja	1,85	2,13	1,95	0,95	1,14	1,44	1,44	1,01	1,04	1,75
Banana	2,85	2,85	3,11	2,17	2,20	2,94	2,50	2,40	3,17	3,10
Algodão	0,61	0,72	0,91	1,19	1,09	0,70	0,65	0,47	0,97	1,22
Arroz	0,79	1,07	1,21	1,09	0,79	0,58	0,65	0,49	0,47	0,33
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO BÁSICO - PECUÁRIA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Boi vivo	33,46	35,11	32,64	36,34	33,75	40,21	35,77	35,61	35,89	39,11
Vaca viva	16,94	17,22	17,54	20,93	12,47	20,71	17,96	18,01	16,96	16,14
Frango vivo	12,05	12,34	12,07	10,70	12,11	9,01	9,85	10,06	10,65	9,88
Leite natural	26,31	24,99	25,73	22,45	30,03	21,98	27,35	25,73	26,90	24,83
Ovos	3,78	3,87	4,33	3,05	3,53	2,75	3,56	3,45	3,21	2,78
Suíno vivo	7,45	6,48	7,69	6,53	8,11	5,35	5,51	7,15	6,39	7,26
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS – PECUÁRIA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Combustíveis e Lubrificantes	18,86	15,25	14,69	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72
Adubos, Fert. e Cor. Solo	23,42	22,09	22,80	24,03	20,89	18,88	22,85	25,90	21,58	19,14
Alimentos para animais	57,72	62,66	62,52	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS - AGRICULTURA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Combustíveis e Lubrif.	18,55	16,33	15,41	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82
Adubos, Fert. e Cor. Solo	81,45	83,67	84,59	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL – PECUÁRIA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Carne de boi	10,18	11,49	12,08	12,09	11,98	13,97	12,90	15,71	15,30	16,83
Carne de vaca	4,19	4,16	4,96	5,52	5,36	6,45	6,26	8,52	6,97	6,37
Carne suína	7,32	7,08	9,00	9,41	9,60	8,03	7,25	9,70	9,31	10,30
Carne de aves	13,28	15,14	15,84	14,32	15,23	14,58	13,34	14,83	15,80	15,12
Leite em pó	21,89	20,21	17,34	16,92	17,76	16,69	18,95	14,51	13,81	32,45
Leite UHT	19,71	19,78	20,59	21,55	20,27	20,91	21,20	18,06	19,63	13,32
Queijo	20,16	18,66	16,13	15,79	15,16	14,89	15,65	14,27	14,62	2,72
Leite pasteurizado	3,26	3,49	4,07	4,41	4,64	4,50	4,44	4,40	4,55	2,89

Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL – AGRICULTURA										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Celulose e papel	21,68	20,03	19,38	20,95	19,72	15,19	18,78	16,48	12,18	11,12
Álcool Anidro	16,74	13,39	14,88	11,77	14,10	19,29	14,60	13,35	10,35	11,14
Álcool Hidratado	9,75	12,66	15,85	12,74	17,87	20,35	24,79	30,93	32,52	31,72
Têxtil	10,56	9,46	8,36	9,53	8,88	6,98	6,82	5,45	4,43	3,64
Indústria do café	14,36	12,05	10,36	13,65	11,53	9,36	11,38	10,38	9,53	10,12
Indústria do fumo	1,30	1,10	0,75	0,85	0,78	0,65	0,67	0,59	0,57	0,43
Indústria do açúcar	9,57	12,77	14,59	15,26	16,65	20,28	13,49	12,32	22,64	25,24
Óleos de soja refinado	7,04	11,90	10,75	10,11	6,21	4,42	5,61	7,17	4,56	3,93
Indústria de bebidas	9,01	6,63	5,07	5,13	4,26	3,48	3,84	3,33	3,21	2,67
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.
Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de dezembro de 2011 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	0,36	-1,06	-0,69	-0,94	-0,86
Agricultura	-0,44	0,57	-1,05	-0,63	-0,51
Agronegócio total	0,01	-0,42	-1,00	-0,75	-0,65

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a dezembro de 2011 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	16,80	-9,22	-3,98	-7,55	-6,35
Agricultura	14,65	24,74	0,69	5,98	7,99
Agronegócio total	15,86	1,83	0,06	0,41	1,71

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (%aa) – 2011/10

	Combustíveis e Lubrificantes	Fertilizantes e Corretivos de Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	-9,88	12,11	4,24
Preços reais	-6,16	7,31	16,87
Valor	-15,43	20,30	21,83

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (%aa) – 2011/10

	Café	Milho	Soja	Cana-de -açúcar	Feijão	Batata – Inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	-11,20	7,31	1,32	11,75	-6,54	11,49	17,29	2,20	0,00	0,84	0,02	104,83	-28,07
Preços reais	52,53	31,90	10,54	23,08	-18,11	-48,48	-7,85	-0,08	29,93	-16,00	-0,51	20,96	-26,23
Valor	35,45	41,54	12,00	37,54	-23,46	-42,56	8,08	2,12	29,93	-15,29	-0,50	147,76	-46,94

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (%aa) – 2011/10

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	-21,87	-15,34	-2,38	-1,74	0,62	14,52
Preços reais	4,94	3,85	7,66	5,51	5,33	-10,97
Valor	-18,01	-12,08	5,10	3,68	5,98	1,96

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (%aa) – 2011/10

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	1,43	25,16	-33,87	-13,66	4,00	6,97	-0,28	2,06	-4,38
Preços reais	-9,81	26,17	22,41	5,79	5,42	-3,14	0,23	14,18	1,45
Valor	-8,52	57,91	-19,06	-8,66	9,64	3,62	-0,04	16,54	-2,99

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (%aa) – 2011/10

	Carne de Boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo Muçarela	Leite Pasteurizado
Quantidade	-17,27	-6,70	14,52	-2,38	-5,64	17,41	-14,42	-4,23
Preços reais	4,78	2,66	-12,62	8,22	-5,40	1,78	4,27	-1,35
Valor	-13,32	-4,21	0,07	5,65	-10,74	19,50	-10,76	-5,52

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2011 (R$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	1.687	11.453	6.778	8.852	28.769
2002	2.190	13.587	8.149	10.489	34.415
2003	3.079	17.482	11.049	13.807	45.417
2004	3.632	23.162	11.366	16.165	54.325
2005	3.897	21.469	13.027	16.650	55.044
2006	3.862	24.664	16.244	19.743	64.514
2007	4.612	27.668	17.107	21.691	71.078
2008	6.810	34.780	20.200	26.393	88.183
2009	6.298	31.373	22.054	26.213	85.937
2010	6.198	37.614	29.446	33.116	106.374
2011*	7.793	41.985	32.019	36.286	118.083

AGRICULTURA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	835	4.592	5.391	4.829	15.648
2002	1.038	5.380	6.659	5.864	18.941
2003	1.475	6.567	9.196	7.797	25.035
2004	1.771	8.689	9.252	8.569	28.281
2005	1.812	8.659	10.696	9.424	30.591
2006	1.723	8.657	13.912	11.351	35.644
2007	2.216	8.993	14.088	11.573	36.871
2008	3.418	11.835	16.575	14.053	45.882
2009	2.910	9.927	18.588	14.595	46.020
2010	2.708	12.527	25.496	19.639	60.371
2011*	3.369	16.739	27.861	22.523	70.492

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
2001	851	6.860	1.387	4.022	13.121
2002	1.152	8.207	1.490	4.626	15.474
2003	1.604	10.915	1.852	6.010	20.382
2004	1.861	14.473	2.115	7.595	26.044

2005	2.085	12.811	2.331	7.226	24.452
2006	2.139	16.007	2.332	8.392	28.869
2007	2.395	18.675	3.018	10.118	34.207
2008	3.391	22.946	3.625	12.340	42.301
2009	3.388	21.446	3.465	11.618	39.917
2010	3.490	25.087	3.949	13.476	46.003
2011*	4.424	25.246	4.158	13.763	47.591

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.
* tomando-se como base a taxa de crescimento acumulada de janeiro a dezembro de 2011.